

## SEMÂNTICA GLOBAL E POSSIBILIDADES DISCURSIVAS: O DISCURSO RELATADO EM DUAS REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Marcela Franco FOSSEY<sup>1</sup>

- RESUMO: O trabalho que se segue visa descrever, a partir de uma perspectiva discursiva, como duas revistas de divulgação científica, *Superinteressante* e *Pesquisa FAPESP*, utilizam o discurso relatado. A descrição deste traço específico – como a voz de outrem se materializa nas reportagens dessas revistas – é parte de um trabalho mais amplo, que buscou caracterizar a forma de divulgar ciência em ambas as publicações. Para tanto, consideramos, com base nos preceitos teóricos da Análise do Discurso francesa e na noção de *semântica global* (MAINGUENEAU, 2005), que, por meio de indícios que a materialidade do discurso permite observar, podemos ter acesso aos processos discursivos característicos de cada publicação. Nesse sentido, identificar as formas privilegiadas, por cada revista, de discurso relatado, mostrou-se uma etapa bastante relevante nesta pesquisa.
- PALAVRAS-CHAVE: Divulgação científica; semântica global; discurso relatado.

O artigo que se segue é parte de um trabalho maior, no qual buscamos caracterizar, a partir de uma perspectiva discursiva, dois modos distintos de divulgar ciência para leigos em duas revistas de divulgação científica (doravante DC)<sup>2</sup>: a *Superinteressante* e a *Pesquisa FAPESP*. O pressuposto inicial no qual está ancorado todo o trabalho, que tem por base os preceitos teóricos da Análise do Discurso francesa, e mais especificamente a noção de *semântica global*, tal como proposta por Maingueneau (2005), foi de que, por meio de uma análise de indícios da superfície textual, é possível identificar um conjunto de regras que especifica as possibilidades de dizer de cada publicação.

A escolha das duas revistas foi feita a partir de um conhecimento prévio do suposto público a que cada uma delas se dirige. No caso da *Pesquisa FAPESP*,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Linguística – UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem – 13083-970 – Campinas – SP – Brasil. Endereço eletrônico: mffossey@uol.com.br

<sup>2</sup> Para os fins desta pesquisa, o foco de nossa investigação são os textos escritos publicados em revistas especializadas em divulgar ciência para leigos. Porém, vale mencionar que acreditamos que muitas das características da divulgação científica impressa são também comuns à divulgação televisiva ou radiofônica – guardadas as diferenças essenciais decorrentes das especificidades do suporte. Mas nos limitaremos a fazer considerações a respeito apenas dos meios de divulgação impressos, uma vez que este é o nosso objeto de análise.

trata-se de um público habituado aos temas de cunho científico, mas que é leigo naquelas áreas que não a sua (físicos lendo sobre medicina, por exemplo).<sup>3</sup> A revista circula principalmente no meio acadêmico, uma vez que é distribuída gratuitamente a pesquisadores que possuem alguma ligação com a *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, uma das principais agências de fomento à pesquisa do país e que também financia a revista. Ela também é vendida, desde 2002, em bancas, mas o seu “sustento” não vem da venda em bancas, nem das assinaturas pagas nem da publicidade, mas sim da *FAPESP*. No caso da *Superinteressante*, o público-alvo é o jovem que se encontra totalmente fora da comunidade científica – assim como a própria revista – caso em que os textos de divulgação, pelo menos em princípio, têm como função básica disseminar entre leigos certos conhecimentos produzidos pela comunidade científica. É uma publicação comercial (fato evidenciado por quase 33% do total da revista dedicado à publicidade) e totalmente desvinculada do campo científico.

Para descrever como cada uma das revistas estudadas divulga ciência para leigos, foi necessário levar em conta aspectos extra-discursivos – o fato, por exemplo, de uma ser uma revista mercadológica e a outra ser a publicação de uma agência financiadora de pesquisas – e também, com o mesmo grau de importância, pistas e indícios presentes na superfície textual. Por exemplo: a forma de relatar novidades e experimentos do meio científico, com formas mais ou menos explícitas de atribuição das fontes enunciativas, um vocabulário mais “jovial”<sup>4</sup> ou enunciados mais “acadêmicos”<sup>5</sup> foram indícios para os quais estivemos atentos e

<sup>3</sup> Até o n.46 (set. 1999), tínhamos *Notícias FAPESP*. a revista nasceu não como uma publicação voltada para o grande público, mas sim como um boletim que informa assuntos internos à instituição e que, portanto, tinha como público-alvo potencial um grupo envolvido, direta ou indiretamente, com a Fapesp. A partir do n.6, começam a surgir outros temas para as reportagens, além daqueles relativos ao funcionamento da instituição. Novas seções vão sendo “inauguradas”: *Ciência* (n.6), *Tecnologia* (n.7), *Humanidades* (n.14) e *Opinião* (n.18). O *Editorial* surge apenas no n.22, em jul. 1997 e *Cartas* (dos leitores), no n.43, em jun. 1999. O formato “boletim” vai sendo aos poucos deixado de lado, para dar espaço a reportagens que relatam resultados de pesquisas. É só a partir do n.47 (out. 1999) que a revista passa a se chamar *Pesquisa FAPESP*. Escolhemos nos referir à revista sempre como *Pesquisa Fapesp* – mesmo quando utilizamos artigos de quando a revista era ainda *Notícias FAPESP* – porque no próprio site da revista (<http://www.revistapesquisa.fapesp.br>) não é feita a distinção no link que dá acesso a todas as edições publicadas até hoje.

<sup>4</sup> A utilização de termos como *superbundas*, *matar a charada*, *acabar no mato sem cachorro*, *provocar sensação*, *engenhocas eletrônicas* etc., remetem a um modo de falar que não é a dos cientistas, mas dos jovens ou das pessoas “comuns”, para quem a revista se dirige. Os exemplos são abundantes. A presença de termos desse tipo é, também, um indício do conjunto de regras que delimita o dizível desta publicação. Assim, parece-nos coerente ler, em uma revista que tem um perfil como o da *Superinteressante*, que um grupo de cientistas *matou uma charada*, que uma pesquisadora *bisbilhota* os radicais livres ou que uma determinada descoberta *causou sensação*. Afinal, para falar *com* os jovens, é uma boa estratégia falar *como* os jovens (e não como os cientistas).

<sup>5</sup> Em todas as reportagens analisadas da *Pesquisa FAPESP* observamos trechos dedicados exclusivamente a explicitar *quem faz* a pesquisa, *onde*, *como* e *por quê*. Desse modo, o que observamos é um certo formato de reportagem – que inclui métodos utilizados nos experimentos, instituição de origem dos pesquisadores, agências financiadoras, etc. – que se reporta basicamente ao modo bastante específico de fazer ciência dentro dos laboratórios. Isto é, tal delimitação do tema a ser tratado nas reportagens remete à delimitação necessária para que uma pesquisa científica se efetue. Para nós, esse é um modo da revista materializar um posicionamento discursivo: *falamos de ciência como alguém que vê de perto os processos envolvidos na sua produção*. Ou seja, esta relação tão próxima com a ciência parece ter reflexo direto no modo de organização das reportagens e naquilo que a revista escolhe “contar” para o seu leitor.

que nos permitiram identificar os parâmetros discursivos que regulam cada uma das revistas. Outros indícios nos ajudaram nesta tarefa: foi preciso levar em conta cada revista como um todo, cada detalhe que as caracteriza, como a publicidade (quem anuncia, a quantidade de páginas reservadas para a publicidade e como são as propagandas em cada uma), o lay-out, os temas tratados. Enfim, levar em conta as “pistas infinitesimais”<sup>6</sup> que, em seu conjunto, possibilitaram identificar a discursividade de cada revista.

Dessa perspectiva, a *escolha* desses recursos seria resultado de forças coercitivas às quais os discursos necessariamente obedecem. Essas forças encontram-se imbricadas umas nas outras, condicionando-se mutuamente, sendo os discursos, em sua materialidade textual, resultado desta relação de interdependência. Segundo hipótese de Maingueneau (2005), a organização dos elementos coercitivos de um discurso decorre de uma **semântica global**: um conjunto de regras – poucas e mais ou menos simples – que rege todas as dimensões do discurso e que funciona como uma rede de restrições. Este autor propõe que tanto a produção quanto a circulação dos discursos de uma determinada conjuntura estão organizadas de acordo com sistemas de **restrições semânticas** próprios de cada *posicionamento discursivo*. Entende-se por *posicionamento*, neste contexto, um lugar de produção discursiva específica que engloba tanto as operações das quais deriva certa identidade enunciativa quanto a própria identidade.

Rompe-se, assim, com uma teoria da significação que esteja concentrada especificamente nos signos ou nas sentenças, uma vez que essa semântica global fornece “regras” de funcionamento para todas as instâncias do discurso, sendo impossível trabalhar com a perspectiva de que há um lugar privilegiado de constituição de sentidos. Um dos efeitos é rejeitar a noção de superfície textual como a simples materialização de um significado que teria origem em outro lugar, e, assim, aceitar o fato de que não há uma profundidade que funciona como “princípio organizador” dos significados mobilizados em um discurso. Torna-se evidente, pois, a necessidade de lidar com o “dinamismo da ‘significância’ que domina toda a discursividade: o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo além dela” (MAINGUENEAU, 2005, p.22). Enfim, faz-se necessário pensar globalmente o funcionamento discursivo e perceber que os significados organizam-se em todas as dimensões dos discursos, isto é, vocabulário, temas, sintaxe, *ethos* etc., organizam-se simultaneamente e de acordo com um mesmo conjunto de regras – a semântica global – na construção dos sentidos. Tendo em vista, pois, caracterizar o modo de divulgar ciência de cada uma das publicações analisadas, tivemos sempre em nosso horizonte teórico a noção de semântica global.

Para nós, a análise realizada veio corroborar nossas hipóteses: cada

---

<sup>6</sup> Utilizamos, neste trabalho, a noção de paradigma indiciário. Para mais detalhes, ver Carlo Ginzburg, 1991.

revista possui um conjunto de regras que delimita suas possibilidades do dizer. Nossas análises concentraram-se, em ambas as revistas, nas formas de discurso relatado, no léxico, em certos enunciados (que restringem ou ampliam o tema da reportagem ou a precisão das informações), em alguns traços extra-lingüísticos (o perfil mercadológico ou institucional de cada uma), na publicidade, nas manifestações dos leitores. E a partir da descrição de todos esses elementos, foi-nos possível afirmar que existe uma relação de dependência entre eles, que partilham harmoniosamente as páginas dessas revistas, de acordo com as regras discursivas de cada uma delas. Alguns desses elementos são mais evidentemente típicos de cada publicação – como o vocabulário (mais jovial ou mais acadêmico) ou os anúncios publicitários (mais comerciais ou mais voltados para a vida acadêmica). No entanto, apenas uma análise mais longa e detalhada, como a que apresentaremos a seguir, nos permitiu perceber como esse conjunto de regras atua, em cada publicação, nos modos de relatar, para leigos, o que fazem os cientistas.

Vale ainda ressaltar que o tratamento genérico que é dado ao público-alvo dessas revistas – leigos, público leigo, grande público etc. – é uma postura inicial que decorre da classificação dada a ambas as revistas. Tanto a *Pesquisa FAPESP* quanto a *Superinteressante*, guardadas as especificidades de cada uma, são classificadas e vendidas nas bancas (e/ou distribuída aos pesquisadores ligados à *FAPESP*, no caso da *Pesquisa FAPESP*) como *revistas de divulgação científica*. Por *divulgação científica* entendemos, neste trabalho (cf nota de rodapé 2), a divulgação de notícias científicas por meio da publicação em jornais e revistas especializados em divulgar para leigos. Porém, o leigo de uma e de outra é bastante diferente e identificar os processos discursivos que faz emergir as imagens de público-alvo de cada publicação foi uma das propostas centrais da pesquisa da qual este artigo é uma parte. Ou seja, o pressuposto inicial – que acreditamos ter se confirmado – foi de que, por meio de uma análise das produções discursivas de divulgação da ciência, é possível depreender, com base na materialidade discursiva dos dois tipos de publicação, os processos de construção de uma *imagem* de público-alvo e da *imagem* do funcionamento da ciência nessas comunidades discursivas que formam os respectivos públicos-alvo. E, como já ressaltamos anteriormente, os processos discursivos que fazem emergir as imagens de leitores na *Pesquisa FAPESP* e na *Superinteressante* são regidos pela semântica global de cada uma delas.

Para o momento, concentramos as observações e análises nos modos característicos de discurso relatado dessas duas publicações. Nosso objetivo, ao trazer exemplos e tentar descrever como cada uma delas traz a voz de outrem para suas reportagens, é apontar na direção dessas regras que organizam e restringem suas possibilidades enunciativas. Para tanto, analisamos o gênero reportagens e optamos por selecionar textos cuja temática está centrada em pesquisas realizadas pelas *ciências duras*.

## O discurso relatado

Uma das questões, de certo modo a principal que se colocou quando nos deparamos com a estrutura de discurso relatado das duas revistas, é como longos trechos sem atribuição de fonte da informação podem ser identificados como vinculados ao discurso da ciência, como nos dois exemplos abaixo:

- 1) A epilepsia é desencadeada por uma atividade elétrica anormal dos neurônios. Já o derrame ocorre devido ao entupimento de uma das artérias que irrigam o cérebro, num processo geralmente associado a fatores de risco como hipertensão, diabetes e altas taxas de colesterol. Essas duas causas diferentes – a hiperexcitação elétrica, de um lado, e o impedimento da chegada de sangue ao cérebro, de outro – levam a um resultado idêntico: a morte maciça de neurônios, mais evidente no hipocampo, importante estrutura do lobo temporal relacionada às emoções, aprendizado e memória. (Memória Seletiva, *Pesquisa FAPESP*, n.66, jul. 2001)
- 2) O maior inimigo da vida não mede mais que trinta milionésimos de milímetro. Causa gripe, sarampo, paralisia infantil, varíola, AIDS - entre muitas outras agressões à saúde. Esse inimigo é tão peculiar que, além de microscópico, tem um lado vivo e um lado morto.[...] Mas, como é formado por um material genético básico - o ácido nucléico - e é capaz de multiplicar-se, não se pode negar-lhe a condição de criatura viva. Essa criatura é o vírus... (Inimigo público número 1, *Superinteressante*, n.3, dez. 1987)

É certo que os temas dos exemplos acima são científicos – os processos fisiológicos envolvidos em um ataque de epilepsia e em um derrame (exemplo 1) e uma descrição do que é um vírus (exemplo 2). No entanto, em termos de organização textual e enunciativa, cabe a pergunta: **como identificar a origem enunciativa de excertos como esses?** Enquanto muitas das informações vêm vinculadas a nomes próprios e instituições de pesquisa, outras simplesmente estão lá, como se houvesse um *a priori* que permitisse sua presença na reportagem sem algum grande nome se responsabilizando por ela. Assim, embora alguns recursos textuais/discursivos utilizados nos excertos das duas revistas sejam bastante distintos (como as escolhas lexicais, por exemplo), a ausência de referência a uma fonte de informação é um traço compartilhado.

Para Authier-Revuz (1998), a DC é uma prática de reformulação textual-discursiva, resultado da reformulação de um discurso-fonte (DCP – discurso científico primário, nos termos da autora) em um discurso segundo (DC), em função de um público-alvo específico: enquanto o DCP se volta para um público especializado e envolvido com o universo da ciência, a DC é voltada para o grande público, o público leigo. Partindo, então, do princípio de que a DC é uma prática que visa à disseminação, para o grande público, de conhecimentos científicos que circulam dentro de uma comunidade fechada, Authier-Revuz volta sua atenção para como a busca por essa disseminação opera sobre a linguagem. Para ela, a

DC resulta de um trabalho de tradução realizado pelo divulgador, já que o que se busca é traduzir a “língua” dos cientistas (discurso-fonte) para a “língua” do grande público (discurso segundo). Nesse cenário, cabe ao divulgador o papel de mediador entre cientistas e o público leitor, a partir de uma “configuração ternária da mediação, no nível do quadro enunciativo. [...] Um ‘eu falo pelos outros’ poderia ser a fórmula sobre a qual se articula esta retórica da mediação” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.121). Dessa perspectiva, há uma reformulação, por parte do divulgador, de um discurso pré-existente em função de um novo público, o que atua diretamente no funcionamento da linguagem desse discurso segundo. Trata-se, porém, de uma tradução bastante específica, cujo resultado mostra, explícita e sistematicamente, que a DC tem sua origem no discurso fonte da ciência.

No entanto, é no nível enunciativo que a proposta de Authier-Revuz (1998) se mostra relevante e deve ser retomada. Nas palavras da autora, a DC caracteriza-se por uma **dupla estrutura enunciativa** porque no quadro enunciativo da DC coexiste tanto a enunciação do DCP, objeto explicitamente mencionado, quanto a enunciação da DC enquanto atividade mediadora entre o “mundo dos leigos” e o “mundo da ciência”, cabendo ao divulgador o papel de ponte entre esses dois pólos. A autora afirma: “mesmo quando as referências à enunciação de D1 [discurso-fonte da ciência] são vagas – ‘segundo os químicos..., para os geofísicos..., os especialistas consideram...’ ou mesmo os ‘diz-se, pensa-se, admite-se hoje’ da comunicação científica –, elas não participam menos da remissão explícita a um discurso primeiro que nos parece caracterizar a economia global de nossos textos de DC” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.112). Levando em conta as devidas ressalvas – relativas à relação entre DCP e DC [D1 e D2 da autora]<sup>7</sup> – a afirmação acima oferece um caminho para respondermos à pergunta exposta dois parágrafos atrás. A partir da afirmação de que mesmo quando vaga, a remissão explícita ao discurso da ciência caracteriza a economia global dos textos de DC, acreditamos ser possível ir um pouco além: a economia global da DC confere

---

<sup>7</sup> Em Fossey (2006), desenvolvemos uma discussão sobre a que campo (nos termos de Maingueneau, 2005) estaria vinculada a divulgação de ciência para leigos. Propomos (com outros autores, como Zamboni, 2001) que a DC não se inclui no campo da ciência, mas sim no campo jornalístico. Essa proposta procede da observação de que as diferenças entre o discurso científico primário e a DC não residem apenas no público a que se destina cada um desses discursos. Não se trata, apenas, do fato de que um é tipicamente destinado a um público solidamente vinculado à prática científica enquanto o outro se destina aos leigos em ciência. Na verdade, muitas outras coisas mudam: a esfera social de circulação do DCP, os enunciadores autorizados a produzir esse tipo de discurso, as circunstâncias de produção (pesquisa, métodos, laboratórios, instituições, cientistas, pareceristas, financiamentos, os espaços de publicação dos *papers* – revistas que não se compram nas bancas de jornal – congressos, etc.), enfim, as condições de produção necessárias e os espaços de circulação autorizados relativos ao DCP fazem com que o seu espaço enunciativo seja essencialmente distinto daquele da DC. A “ciência para leigos” é resultado de uma produção discursiva que deriva da inter-relação entre outras variáveis: o enunciador da DC é o divulgador (seja ele jornalista especializado em ciência ou cientista especializado em divulgar), o espaço de circulação é o “mundo do grande público” (elas estão expostas nas bancas de jornal junto aos jornais diários – e também dentro deles, em seções dedicadas à ciência – e as revistas as mais variadas: femininas, masculinas, semanais, para *teens*...), e o objetivo de sua produção não é a busca por validação de teorias *científicas*. Temos, assim, uma outra proposta: de que a DC não estaria no *campo científico*, mas sim no *jornalístico*, o que implica que o seu funcionamento se dá de acordo com as regras gerais do campo jornalístico e dos *gêneros* que este campo admite. Nesse contexto, a proposta de tratar a DC como tradução deixa de ser válida, uma vez que as traduções de um determinado texto costumam circular em uma mesma esfera social.

significação e atua sobre todo o conjunto dos textos, mesmo quando nenhuma menção é feita a este exterior habitado por cientistas, permitindo que os leitores *saibam* que essas informações sem fontes explícitas estão, de fato, vinculadas ao campo da ciência. Isto é, o conjunto do discurso da DC encontra-se englobado por uma estrutura enunciativa que a todo o momento, no fio do texto, mostra onde está a sua fonte, prestigiosa e confiável, de informação. E quando não há indícios explícitos dessa “localização”, essa estrutura enunciativa parece dar conta de deixar claro que mesmo ali, onde não é explicitado quem fala, é a voz da ciência e de seus representantes que se faz ouvir, por intermédio do divulgador. Assim, essa estrutura enunciativa permite, juntamente com outros fatores, que cada fragmento do texto seja “devidamente” interpretado e interpretável.

Assim, essa primeira “inquietação” relativa à identificação da fonte enunciativa de trechos que “vagam” livremente nas reportagens analisadas pôde ser explicada a partir da proposta de Authier-Revuz (1998), brevemente exposta nas linhas que precedem. No entanto, nossas análises foram nos mostrando que esses trechos que, à primeira vista, nos pareceram sem marca de fonte enunciativa são, na verdade, não tão abundantes assim. A maneira como o discurso relatado funciona nas reportagens analisadas opera de maneira bastante específica com os recursos lingüísticos, utilizando elementos diversos daqueles que o discurso relatado “tradicional” costuma empregar. Existem muitas formas de marcar textualmente que o que está sendo dito vem de outra fonte, ou seja, existem formas variadas de assimilar o discurso do outro. Além dos *esquemas de base* (BAKHTIN, 2004), isto é, o discurso direto – com aspas delimitando o dizer do cientista e que indica claramente as fronteiras entre o discurso citado e o citante – e o discurso indireto – apresentado sob a forma de uma oração subordinada substantiva introduzida por um verbo *dicendi* –, observamos que as realizações concretas são bem mais variadas e numerosas. De fato, a variedade de formas de discurso relatado, como discurso direto com “que”, resumo com citações, etc., são formas que não marcam com tanta ênfase a fonte enunciativa, e faz com que, à primeira vista, certos excertos apareçam como se não tivessem fonte enunciativa.

Além disso, percebemos também que o emprego dessas variantes de discurso relatado não se dá aleatoriamente em cada uma das revistas. A análise que exporemos nos próximos itens tentará mostrar que a escolha dessas variantes parece estar, em boa medida, em concordância com outras escolhas que cada revista faz, em termos de possibilidades lingüísticas, textuais e discursivas. Como já dito anteriormente, o que parece explicar essa “coerência” interna a cada uma das publicações é a noção de semântica global, noção que será retomada mais adiante.

Vejamos, então, algumas das formas características de discurso relatado de cada uma das revistas. Tendo em vista que os modos de relatar de cada uma das

publicações analisadas mostraram diferenças relevantes, iremos apresentar os exemplos e as análises de cada revista separadamente. Começamos, assim, pela *Pesquisa FAPESP*.

### O discurso relatado na *Pesquisa FAPESP*<sup>8</sup>

Não vamos nos delongar na descrição de algumas formas de discurso relatado, *discurso direto*, *modalização em discurso segundo*, *discurso indireto*. São modos de relatar o discurso de outrem que variam no grau de ênfase em que delimitam as fronteiras entre discurso citado e discurso citante – ainda que nos três modos seja bastante explícito que aquilo que é dito provém de um outro enunciador. Em relação às reportagens analisadas, o que se mostrou relevante e vale ressaltar é que a ocorrência de discurso direto (DD) é relativamente baixa nas reportagens analisadas. Nossa hipótese é a seguinte: está associada ao DD uma suposta fidelidade, uma vez que é encenada a reprodução exata do discurso citado. No entanto, graças a sua proximidade com o campo científico – uma vez que, como vimos acima, se trata de uma revista patrocinada por uma fundação que financia pesquisas –, a *Pesquisa FAPESP* poderia dispensar o DD como um artifício que garante autenticidade ao que é relatado, e privilegiar outras formas de discurso relatado, sem conseqüências para a credibilidade das informações que veicula.

Na verdade, o modo de relatar característico da *Pesquisa FAPESP* se dá por meio de estratégias que diluem a atribuição das fontes enunciativas e que promovem um apagamento do jornalista. Resulta que as reportagens, em geral, falam de ciência sem, a todo momento, remeterem aos cientistas – “liberdade” que uma publicação solidamente vinculada ao campo científico pode ter. A partir de agora, olharemos com mais cuidado esses modos típicos da revista marcar – às vezes mais, às vezes menos explicitamente – a fonte enunciativa daquilo que veicula: **resumo com citações** e **resumo sem citações na forma de DD**.

Quando encontramos estruturas entre aspas, elas fazem, em geral, parte da significação de todo o parágrafo, resultando naquilo que Maingueneau (2004) denomina “resumo com citações”. Para esse autor, o *resumo com citações* integra sintaticamente, no fio do discurso citante, fragmentos que são atribuídos ao discurso citado. Esses fragmentos têm marcas tipográficas – aspas, itálico ou ambos – que delimitam quais palavras foram reproduzidas *exatamente* como

---

<sup>8</sup> No trabalho completo, analisamos 12 reportagens da revista *Pesquisa FAPESP*. *Botânicos revelam a riqueza da flora paulista* (fev. 1996), *Passos para derrotar a doença de Chagas* (mar. 1996), *O cobertor de luz dos recém-nascidos* (jul. 1999), *Programados para ver* (mar. 1901), *Memória Seletiva* (jul. 2001), *No cerne do átomo* (maio. 2004), *Quinto estado da matéria* (jul. 2004), *Forma e função* (nov. 2004), *O caos amigável* (jan. 2005), *As jóias de Saturno* (fev. 2005), *Parasita dissimulado* (maio. 2005), *As máscaras da histeria* (nov. 2005). Ainda que não apareçam exemplos de todas elas, em razão das restrições de espaço, as conclusões aqui apresentadas levaram em consideração o que foi observado nas 12 reportagens.



foram proferidas, enquanto o que está sem aspas ou itálico seria uma reprodução do *conteúdo*, como no discurso indireto. Resulta disso que o *resumo com citações* produz uma “homogeneização sintática de um enunciado por meio do qual ouvem-se, no entanto, duas instâncias de enunciação” (MAINGUENEAU, 2004, p.155). Vejamos um exemplo retirado de nosso corpus:

- 3) O professor Walter Colli observa que a compreensão completa e precisa da LPPG dificilmente terá algum efeito direto importante para o chagásico, “**mas servirá para conhecimento das bases químicas do ciclo da doença de Chagas**”. (*Passos para derrotar a doença de Chagas*, n.7, mar. 1996)

No entanto, observamos um outro tipo de estrutura que não se enquadra exatamente na descrição de *resumo com citações* de Maingueneau, como no exemplo acima, mas que nos pareceu que assim poderia ser classificada. Trata-se de fragmentos entre aspas, que seriam caracterizados como DI, mas que formam um conjunto coeso com trechos vizinhos que não possuem qualquer marca de que são um discurso citado. Isso nos leva a concluir que há uma relação de dependência entre os trechos aspeados e seus vizinhos é o fato de, nas citações, haver anáforas que se referem a informações que estão fora das aspas, ou seja, nos trechos vizinhos. Para nós, esse é um indício bastante forte de que esses trechos sem marcas de que são um discurso citado provêm da mesma fonte enunciativa das citações vizinhas. Assim, os fragmentos sem aspas seriam como um resumo que restitui o sentido, mas não as palavras exatas empregadas, como no discurso direto. Por isso, mantemos a nomenclatura *resumo com citações* porque nos pareceu, em essência, se tratar de fenômenos semelhantes àqueles descritos por Maingueneau (2004). Vejamos alguns exemplos:

- 4) Desse programa saiu uma rara estatística epidemiológica confiável sobre a doença no Brasil. **Há 74,1 casos de neurocisticercose em Ribeirão Preto** para cada grupo de 100 mil habitantes. “*Não dá para dizer **se é muito ou é pouco**, pela falta de parâmetros de **outras localidades** para comparar*”, diz o médico Osvaldo Takayanagui. (*Parasita dissimulado*, n.111, maio 2005)
- 5) Essa imagem em preto-e-branco sugere que **uma das novas luas**, com menos de 10 quilômetros de diâmetro, situa-se bem próxima a um dos anéis mais externos de Saturno, o F [...]. “*Percebi **esse objeto** quase indetectável próximo à parte externa do anel F*”, disse Murray, da Queen Mary College, da Universidade de Londres, em comunicado do Conselho de Pesquisa em Física de Partículas e Astronomia do Reino Unido. “*Foi um privilégio inacreditável ser o primeiro a identificá-lo*.” (*As jóias de Saturno*, n.108, fev. 2005)

Nos exemplos acima, marcamos em itálico os fragmentos aspeados, que reproduzem as palavras de um determinado enunciador, que vem identificado, nos exemplos, depois do fragmento citado. No entanto, dentro desses fragmentos,

podemos observar, em negrito, expressões anafóricas que remetem a um conteúdo que está fora das aspas (que também marcamos em negrito). Em (5), por exemplo, “esse objeto” e o pronome “lo”, que são elementos do discurso direto, referem-se a “uma das novas luas”, que está fora das fronteiras do enunciado citado.

A principal observação a ser feita em relação aos exemplos acima é que podemos identificar com certa clareza os indícios que remetem às fontes enunciativas de fragmentos aparentemente destituídos de um enunciador que se responsabilize por eles.

Outra estrutura de discurso relatado observada nas reportagens foi a que denominamos **resumo sem citação na forma de DD** (mas que fazem de outras formas remissão a uma fonte enunciativa). Classificamos assim fragmentos que têm um funcionamento similar ao *resumo com citações*, mas sem nenhuma citação na forma de DD. São trechos em que a fonte enunciativa se encontra ainda mais diluída, mas ainda pode ser apontada.

- 6) Mas o que se quer realmente é gerar neurônios realistas, estatisticamente semelhantes aos naturais. Para chegar lá, o primeiro - e talvez mais difícil - desafio é estabelecer padrões de classificação. O que faz um neurônio da célula ganglionar da retina do gato distinguir-se de qualquer outro? Foi preciso escolher **um conjunto de medidas** que representassem cada grupo de neurônios, como tamanho, largura, orientação e ângulos dos segmentos dos dendritos, as ramificações desse tipo de célula. *Segundo Costa, a escolha **desses parâmetros** ainda é um problema aberto, que deve levar em conta o que se quer estudar.* (Programados para ver, n.62, mar. 2001)

No exemplo acima, temos um excerto consideravelmente longo que, à primeira vista, não tem qualquer marca textual indicando tratar-se da fala de um cientista. Se estivesse entre aspas, por exemplo, poderia configurar perfeitamente o relato de um cientista envolvido na pesquisa. Mas não está. Porém, ainda assim, podemos entender que esse excerto pode ser assumido por *Costa*, o enunciador explicitado da última frase, na forma de uma modalização em discurso segundo (marcado em itálico), pois aqui também temos um termo anafórico (*esses parâmetros*) que remete a um elemento do trecho anterior sem identificação enunciativa (*um conjunto de medidas*).

Todas essas estruturas – resumo com e sem citações – são muito frequentes nesta publicação. São formas bastante diluídas de marcar a fonte enunciativa dos enunciados que a revista veicula em suas reportagens. Certamente, ainda que “discretos”, esses elementos ancoram a enunciação no campo científico, na forma de um relato. Voltamos, assim, à proposta de Authier-Revuz: (1998) temos, de fato, uma dupla estrutura enunciativa, que se constrói pela própria enunciação e pode ser analisada pela observação de indícios como esses que acabamos de apontar. Voltamos, também, à proposta de que esses indícios são,

em última instância, regidos pela semântica global desta revista, que permite que a voz dos cientistas seja atualizada, na maior parte das vezes, dessa maneira menos marcada.

A partir dessa estrutura enunciativa de relato, que coloca em uma mesma cena duas enunciações – a dos cientistas e a dos jornalistas – podemos identificar que trechos como os que analisaremos adiante, absolutamente sem marca de discurso relatado, são, ainda assim, a voz da ciência. Antes de analisarmos essas estruturas destituídas de marcas de fonte enunciativa, vejamos aquilo que chamamos de **estrutura narrativa**.

Classificamos como **estrutura narrativa** fragmentos que apresentam características textuais semelhantes às de uma narração literária: têm personagens (pesquisadores), narrador (jornalista), uma seqüência de fatos (o que fizeram/observaram/consideram... os pesquisadores) e verbos na 3ª pessoa:

- 7) O coordenador do grupo, **Luciano da Fontoura Costa**, engenheiro eletrônico com especialização em Física, **tem prestado consultoria** para indústrias nacionais e estrangeiras. Dois exemplos: para a Hewlett Packard do Brasil, **criou** um sistema de controle de qualidade de monitores de vídeo, e para a Intelligent Network, dos Estados Unidos, um programa de reconhecimento de padrões e inteligência artificial em redes de computadores e Internet. (*Programados para ver*, n.62, mar. 2001)

Marcamos em negrito o “personagem” central do relato que o jornalista faz e os verbos que descrevem suas ações. No entanto, as reportagens não são narrativas literárias, e por isso a esse “personagem” podemos atribuir a fonte enunciativa do que o jornalista relata, embora não haja estrutura de discurso relatado no exemplo acima. Essa atribuição se dá porque as reportagens são sobre as pesquisas que esses cientistas desenvolveram, e por isso, podemos concluir, por exemplo, que quem “contou” ao jornalista que “tem prestado consultoria para indústrias nacionais” foi o próprio pesquisador identificado no relato, Luciano da Fontoura Costa. É muito importante deixar claro que nosso objetivo não é verificar quem, de fato, contou ao jornalista o que é relatado, mas os efeitos relativos às fontes enunciativas que certas estruturas causam. Vale frisar que nossa análise é discursiva, ou seja, descrevemos efeitos possíveis de serem apreendidos no e pelo discurso.

Por fim, nos exemplos que se seguem, encontram-se estruturas semelhantes às que classificamos como *narrativa* – na medida em que contam como se dão certos processos científicos – mas com algumas peculiaridades. Uma delas é que, se quiséssemos, poderíamos acrescentar aspas no fragmento do próximo exemplo e teríamos, assim, a fala de um cientista envolvido na pesquisa relatada. É diferente da estrutura anterior, que não tem como ser transformada

em DD pela simples adição de aspas. Nesses casos, finalmente, chegamos àquelas estruturas que, inicialmente, tanto nos chamaram a atenção: **quem fala, enfim?**

- 8) De cada planta, uma dessas fichas foi guardada no Herbário do Instituto de Botânica, depositário da coleção principal. As duplicatas foram ou estão sendo enviadas, por ordem de prioridade, para a instituição de origem do especialista que deve confirmar a classificação da espécie (mesmo se localizada no Exterior), para o Departamento de Botânica da UNICAMP, para o Departamento de Botânica da USP e, se ainda restavam exemplares disponíveis, para os demais herbários do Estado. (*Botânicos revelam a diversidade da flora paulista*, n.6, fev. 1996)

Estruturas similares à do exemplo chamam a atenção pela ausência de remissão a uma fonte enunciativa. Voltando à nossa hipótese derivada da proposta de Authier-Revuz (1998), reconhecemos que se trata de um discurso relatado porque praticamente todo o texto o é – ainda que, em geral, isso seja marcado de maneira bastante “discreta”. Dessa forma, a estrutura enunciativa das reportagens faz com que esses fragmentos tenham “implicitamente” uma fonte enunciativa, associada aos diversos elementos apontados nas análises anteriores, ou seja, quando nos deparamos com esses fragmentos, sabemos que eles também estão ancorados no discurso que a DC se ocupa de relatar, isto é, no discurso científico.

Vejamos mais um conjunto de exemplos antes de passarmos para a análise do discurso relatado na *Superinteressante*:

- 9) Em geral associa-se a neurocisticercose à carne suína e se imagina que basta evitar o consumo de receitas à base de porco, além de seus derivados, para ficar a salvo. Não é bem assim. Quando um indivíduo come carne de porco contaminada pelos cisticercos, as larvas do parasita, existe o risco de pegar outra doença, a teníase. Uma vez ingeridos, os cistos incrustados na musculatura suína transformam-se, dentro do intestino humano, na *Taenia solium*, a forma adulta do parasita, conhecida como tênia ou solitária. [...] O ciclo da teníase se fecha quando o porco ingere água ou alimentos que tiveram contato com as fezes contaminadas do homem. (*Parasita dissimulado*, n.111, maio 2005)
- 10) Nos últimos cinco anos, após o seqüenciamento do genoma de quase 150 organismos, a identificação da estrutura, da função e dos modos de interação dessas moléculas [proteínas], codificadas pelos genes, tornou-se uma prioridade mundial, por representar um caminho aparentemente seguro para entender com mais detalhes as reações químicas que mantêm os organismos vivos ou os fazem perecer. (*Forma e função*, n.105, nov. 2004)

Nos exemplos acima, temos uma estrutura semelhante à do exemplo (8), mas com uma diferença. Os “conteúdos” desses trechos explicam ou retomam fatos mais ou menos consensuais no meio científico: como se comporta

o parasita *Taenia solium* no organismo humano e quais são as formas de contaminação (9) e a importância do papel das proteínas no funcionamento dos seres vivos (10). É possível ainda relacionar a “generalidade” de tais conteúdos ao fato de eles serem, até mesmo, parte do conteúdo programático do ensino fundamental – como em (9). De fato, aprende-se sobre doenças parasitárias já “na escola” e, então, tais conteúdos podem ser encontrados em livros escolares. Já o exemplo (10) seria um caso de informações consensuais, em razão da divulgação sistemática do tema “genômica” em todos os meios de informação. Assim, em casos como os dos exemplos (9) e (10), não seria necessário – talvez nem mesmo possível – citar quem diz o que o jornalista relata.

Pudemos observar, a partir da análise apresentada, que a *Pesquisa FAPESP* privilegia as formas de discurso relatado que fazem referências enunciativas de uma forma menos evidente, isto é, que diluem, no fio do texto, a referência às suas fontes enunciativas. Depois de apreendido esse modo de funcionamento, percebemos que os excertos que de fato não têm fonte enunciativa explícita, como nos exemplos (8) e (10), são menos frequentes do que pareciam ser à primeira vista. Assim, graças a esse modo de funcionamento que dilui as fontes enunciativas, a *Pesquisa FAPESP* fala de ciência reproduzindo, no discurso, a proximidade com o campo científico que, de fato, ela possui. Inclusive, por isso, pode-se dar ao luxo de não explicitar, sempre, certas fontes.

Vejamos, na seção a seguir, como se apresentam as formas de discurso relatado da revista *Superinteressante*.

### **O discurso relatado na *Superinteressante*<sup>9</sup>**

É interessante notar que o DD (e variantes que produzem esse efeito de preservação das palavras do outro, como o discurso direto com “que”) apareceu com maior frequência na *Superinteressante*, e acreditamos que esse “evento” tem uma explicação discursiva. Ao contrário da *Pesquisa FAPESP*, a *Superinteressante* não tem vínculo institucional com o campo científico, o que a levaria a privilegiar o discurso direto como forma de assegurar a veracidade daquilo que relata. Isso porque essa forma de discurso relatado se caracteriza por dissociar claramente

---

<sup>9</sup> No trabalho completo, analisamos 10 reportagens da revista *Superinteressante*: *O oitavo dia da criação* (out. 1987), *O inimigo público número 1* (dez. 1987), *Nasce o homem* (set. 1988), *A face oculta do caos* (set. 1989), *A ameaça dos radicais* (nov. 1990), *A fera é azul* (jan. 1995), *O ataque da estrela* (nov. 1998), *Uma luz sobre o Alzheimer* (jun. 2001), *De que somos feitos* (jul. 2004), *Design perfeito* (jul. 2005). Ainda que não apareçam exemplos de todas elas, em virtude das restrições de espaço, as conclusões aqui apresentadas levaram em consideração o que foi observado nas 10 reportagens.

as duas enunciações, o discurso citado e o discurso citante, causando um efeito de distanciamento entre os dois enunciadores, o que cita (os divulgadores) e os que são citados (os cientistas). E por simular a restituição das falas citadas, confere também um efeito de fidelidade ao que foi dito. No contexto da DC, tem-se o efeito de “*quem o diz é um cientista*”, o que, em princípio, conferiria maior “confiabilidade” ao relatado na reportagem. Vejamos um exemplo retirado da *Superinteressante*:

- 11) “O Homo sapiens não é o produto de uma escada que sobe diretamente em direção ao nosso estado atual, mas, sim, constituímos tão-somente a ramificação que sobreviveu de um arbusto outrora exuberante”, afirma Jay Gould. “O processo evolutivo é cego, não envolve uma finalidade específica de desenvolvimento por parte das espécies”, diz por sua vez Richard Leakey. “Os australopitecíneos não devem ser vistos como um fracasso numa grandiosa corrida evolutiva rumo à condição humana”, argumenta. “Eles foram espécies bem-sucedidas, com um estilo de vida estável durante milhões de anos.” (*Nasce o homem*, n.12, set. 1988)

Além de muito numerosos, os fragmentos de DD são, muitas vezes, bastante longos, como no exemplo acima, o que não foi observado nas reportagens da *Pesquisa FAPESP*.

Observamos também aquelas ocorrências de DD do tipo que constroem um conjunto coeso com os excertos vizinhos, formando estruturas semelhantes às que vimos na *Pesquisa FAPESP*. A estrutura que chamamos **resumo com citações** se mostrou bastante freqüente também nas reportagens analisadas da *Superinteressante*. Como na *Pesquisa FAPESP*, as adaptações que fizemos à descrição desse tipo de estrutura feita por Maingueneau (2004) continuam valendo para as análises feitas com os excertos a seguir. De fato, não foram muito freqüentes as estruturas tal como descritas pelo autor (cf. exemplo 6), mas, se considerarmos *resumo com citação* os parágrafos que possuem DD que estão vinculados aos excertos vizinhos, teremos, assim, nas reportagens da *Superinteressante*, um número muito elevado desse tipo de estrutura. Entretanto, como veremos pelas análises, essas estruturas nesta revista não são exatamente como as da *Pesquisa FAPESP*. Vejamos um exemplo:

- 12) {A maioria das espécies sobrevive à dose diária de calor graças a seus eficientes **sistemas fisiológicos de refrigeração**, que mantêm em níveis toleráveis a temperatura do sangue que se dirige ao cérebro. Desprovidos desse recurso natural, **os ancestrais humanos trataram de se erguer para se proteger.**} {Pelos cálculos de Wheeler, **um hominídeo em pé** ao meio-dia absorvia 60 por cento a menos de calor do que estando de quatro. [MODALIZAÇÃO EM DISCURSO SEGUNDO]} {“**Ficar em pé**”, diz o cientista, “é a maneira ideal de **se manter frio** nas caminhadas pela desguarnecida paisagem equatorial.”[DD]} (*Nasce o homem*, n.12, set. 1988),

- 13) {*A não-linearidade exigia cálculos mais difíceis. Era a mosca na sopa previsível da Mecânica clássica. Poucos consideraram a não-linearidade uma força criativa; mas foi a não-linearidade que criou os padrões misteriosamente belos dos estranhos atratores.*} {"**Não-linear** era uma palavra que **você só encontrava no final do livro**", diz Farmer. "Um estudante de Física fazia um curso de Matemática e o último capítulo tratava de **equações não-lineares**. Geralmente **essa parte era deixada de lado.**" [DD]} (*A face oculta do caos*, n.24, set. 1989)

Os dois exemplos acima foram analisados da seguinte maneira: isolamos entre chaves ({}), os excertos de acordo com o tipo de discurso relatado que apresentaram (*DD* e *modalização em discurso segundo*), e que estão classificados entre colchetes ({}). Já aqueles marcados com itálico são excertos que não possuem fonte enunciativa explicitada. Porém, podemos concluir que esses trechos estão associados aos que possuem fonte enunciativa explicitada por meio dos elementos em negrito, que são informações recorrentes tanto em um excerto quanto em outro. Mas é interessante notar que aqui não há estruturas exatamente anafóricas, como na *Pesquisa FAPESP*. Os termos em negrito são apenas "as mesmas coisas" sendo ditas nos excertos em discurso citado e naqueles que aparentemente não são discurso citado. De fato, nos exemplos acima, os trechos em itálico são como uma "introdução" que o jornalista faz daquilo que o cientista "irá" dizer. É como se a voz do cientista viesse corroborar aquilo que o jornalista disse com suas próprias palavras...

Nos dois exemplos acima, queremos chamar a atenção para o quão breves são os trechos em que não estão explicitamente marcados os enunciadores responsáveis pelo que é dito. Vejamos, agora, mais um exemplo:

- 14) {*Outra bactéria, Bacillus thuringiensis, foi utilizada pela empresa belga Plant Genetics Systems, numa ousada tentativa de combater a malária, que, atinge cerca de 200 milhões de pessoas no mundo inteiro. Em vez de buscar uma vacina antimalária por Engenharia Genética – como faz, por exemplo, o cientista brasileiro Luis Hildebrando Pereira de Souza, no Instituto Pasteur, de Paris –, os pesquisadores belgas resolveram recorrer a Engenharia Genética para matar as larvas dos mosquitos transmissores da malária. Conseguiram isolar da bactéria thuringiensis o gene responsável pela produção de uma proteína capaz de envenenar as larvas. Depois, transplantaram-no para o DNA da alga azul-verde da qual as larvas se alimentam. A alga, ao se reproduzir, reproduz também a proteína transplantada. Assim, ao comer a alga, as larvas acabam comendo a proteína que irá matá-las. O resultado é que se impede o nascimento do mosquito que transmite a malária.*[ESTRUTURA NARRATIVA]} {"Com isso, será possível reduzir a incidência da moléstia numa boa proporção", prevê o imunologista Mark Vaeck, diretor da Plant Genetics, ouvido por SUPERINTERESSANTE.[DD]} (*O oitavo dia da criação*, n.2, out. 1987)

Já no exemplo acima, podemos observar um longo fragmento sob a forma

de *estrutura narrativa*, seguido por um DD – que *comenta* todo o processo explicitado pelo trecho *narrado*. O termo anafórico sublinhado *com isso*, que aparece na voz do imunologista Mark Vaeck, retoma a descrição do processo de aniquilação do mosquito transmissor da malária e produz o efeito de que tudo isso que foi dito antes é, de alguma forma, a voz desse pesquisador “ouvido pela SUPERINTERESSANTE”. Assim, esse processo faz com que o excerto em DD englobe esse longo trecho e acaba por “firmar” ainda mais aquilo que está na forma de *estrutura narrativa* como sendo a voz da ciência. Vale também dizer que, nesta publicação, a atribuição da fonte enunciativa por meio de uma *estrutura narrativa* – que, é importante lembrar, não é uma forma de discurso relatado, mas ainda assim traz para o fio do texto “personagens” (negrito no exemplo 14) a quem podemos atribuir a responsabilidade ao que é feito por meio dos verbos (negrito no exemplo 14) – mostrou-se também muito frequente.

Observamos também na *Superinteressante* aquela estrutura que chamamos de **resumo sem citação na forma de DD**. Como já explicitado na análise desse tipo de estrutura nas reportagens da *Pesquisa FAPESP*, classificamos desse modo trechos similares ao *resumo com citações*, mas que não possuem nenhuma citação na forma de DD:

- 15) {A infantilização do corpo também explica, segundo Morris, a ocorrência de **narizes pequenos nas mulheres** - posto que bebês têm apenas um botãozinho no meio da face. Mas ela não seria a única razão. De acordo com o autor, o nariz humano (o único protuberante entre os grandes primatas) funciona como um **ar-condicionado** que fornece umidade e retém o pó da atmosfera. [MODALIZAÇÃO EM DISCURSO SEGUNDO]} {*Nos tempos primitivos, os machos caçadores precisavam de um “aparelho” mais potente - portanto maior - para ter fôlego em suas expedições na savana poeirenta. **As fêmeas, que ficavam em casa, desenvolveram menos o nariz.***} (*Design perfeito*, n.215, jul. 2005)

Nesse exemplo, o trecho em itálico não possui nenhuma marca explícita da sua fonte enunciativa. Porém, pelos termos em negrito, podemos conferir unidade enunciativa a quase todo o excerto: não são termos anafóricos que, de dentro dos trechos modalizados em discurso segundo, retomam aquilo que está fora (como vimos com frequência nos exemplos da *Pesquisa FAPESP*), mas são, como é comum nesta revista, “as mesmas coisas” sendo ditas, sem que seja explicitado que se trata da voz de Morris. No entanto, esse trecho em itálico é a continuação da explicação do porquê das mulheres terem narizes menores que os homens. E essa explicação é uma hipótese do pesquisador, que é duas vezes apontado, explicitamente, como fonte enunciativa, na forma de modalização em discurso segundo. Por isso, além dos termos em negrito apontarem para aquilo que foi dito anteriormente pelo pesquisador, o fato do fragmento em itálico ser a continuação



daquilo que vinha sendo dito por Morris nos permite apontá-lo como o enunciador desse fragmento.

Por fim, examinaremos estes trechos sem indicação alguma da fonte enunciativa. Eles não são muito freqüentes, mas, vez ou outra, podemos encontrar fragmentos sobre os quais nos perguntamos: *quem disse isso?* Vejamos alguns exemplos:

- 16) Um organismo pode ser comparado a uma fábrica de luvas: produz desde luvas microscópicas até gigantes, com diferenças milimétricas entre um tamanho e outro. Cada luva - ou anticorpo - veste perfeitamente um vírus ou antígeno - e só aquele. Muitos anticorpos vivem e morrem ingloriamente sem encontrar o antígeno para o qual foram feitos e travar com ele uma batalha de vida ou morte. Não se trata, porém de um desperdício da natureza: para o organismo é melhor ter um de cada a ter vários só de alguns. (*O inimigo público número 1*, n.3, dez. 1987)
- 17) Pois o DNA é que detém dentro de si o código genético que orienta as células na tarefa de fabricar as proteínas - as substâncias que dão as características de todos os seres. A forma do DNA é tão extraordinária como inconfundível. Trata-se de duas fitas que se enroscam a determinados intervalos como se construíssem uma dupla hélice - e é assim que se convencionou representar essa molécula nos modelos desenhados por computador. O DNA também pode ser comparado a uma escada em caracol. Esse formato é que lhe permite executar uma singular manobra no processo de reprodução. Quando a célula se divide, a escada se separa em dois, de baixo para cima, como um zíper defeituoso que se abre. Cada um dos lados da escada atrai então para si os elementos que lhe faltam (e estão esparsos na célula), de tal maneira que logo se formam duas escadas de DNA, réplicas perfeitas da primeira. (*O oitavo dia da criação*, n.2, out. 1987)

O que nos pareceu relevante nesses excertos é sua semelhança com trechos de uma apostila ou de um livro didático. Seja por conta das analogias, seja pelo tipo de vocabulário, podemos levantar a seguinte hipótese: nesses trechos, o jornalista parece assumir como sua missão tornar certas informações “palatáveis” para o público a que se destinam. Essas informações, em geral, assemelham-se àquelas veiculadas pelos fragmentos dos exemplos (9) e (10) da *Pesquisa FAPESP*: são fatos que não podem ser remetidos a um cientista em especial, mas que são consensuais no meio científico. Por exemplo, como se dá a produção de anticorpos ou como “funciona” o DNA. São temas bem gerais e que não remetem a um cientista debruçado sobre eles, mas são saberes científicos conhecidos da ciência de um modo geral.

Nos trechos sem atribuição de fontes enunciativas da *Superinteressante*, a nossa hipótese é de que o jornalista assume, de forma definitiva, o papel de ponte entre cientistas e leigos e “traduz” certas informações científicas para um “formato” que esses leigos poderão entender. Quem fala, nessas situações,

é alguém capacitado para tornar acessível aos leigos o que os cientistas falam em um código que só seus pares – e o jornalista capacitado – conseguem entender.

De modo geral, pelas análises que apresentamos acima, percebemos que a *Superinteressante* utiliza com maior frequência as formas de discurso relatado que marcam mais explicitamente suas fontes enunciativas. Sobre isso podemos mencionar dois efeitos interessantes: (a) o uso, por esta publicação, desse tipo de estratégia para garantir legitimidade daquilo que ela relata (quem diz é um cientista) e (b) demarcação de dois lugares enunciativos bastante claros: um *aqui* do jornalismo e dos leigos e um *lá* da ciência. Esses dois lugares enunciativos tão delimitados parecem reproduzir a distância que de fato há entre a revista e o fazer científico.

## **Comentários finais**

A análise feita nos mostrou que a *Superinteressante* raramente deixa em aberto quem está falando. Ao ler suas reportagens, a todo o momento somos lembrados de que aquilo que preenche suas páginas foi dito por cientistas, ou seja, marca-se incessantemente um lugar para o jornalista e outro para os cientistas. Acreditamos que essa distância enunciativa em relação àquilo que o jornalista relata é um indício da distância que há, de fato, entre a revista e as instituições de pesquisa e de produção científica. Por outro lado, a *Pesquisa FAPESP* utiliza muito mais as formas que promovem o apagamento do jornalista e, conseqüentemente, não marca com tanta clareza e insistência esses dois lugares distintos, o dos jornalistas e o dos cientistas. É como se esse divulgador, por “trabalhar” para essa revista – de apelo fortemente institucional – fosse “confiável” o suficiente para não precisar dizer, a todo o momento: “*sou apenas um porta-voz, o que eu digo é reprodução da voz, confiável e verdadeira, da ciência*”. As fronteiras são mais difusas, e nossa hipótese é de que isso se dá graças à proximidade que há entre essa revista e uma instituição que “produz” ciência.

Na tabela abaixo, apresentamos um quadro comparativo no qual tentamos resumir o que observamos em relação ao uso do discurso relatado na *Pesquisa FAPESP* e na *Superinteressante*:



Essa proximidade ou distanciamento em relação à ciência que cada uma das revistas tem é marcado não apenas por meio do discurso relatado, mas também no léxico característico de cada uma delas, na publicidade, em certos enunciados, nas cartas dos leitores – outros elementos para os quais lançamos o olhar na tentativa de explicitar a semântica que rege os processos discursivos dessas revistas de divulgação científica.

Queremos ressaltar que todas as categorias que fomos delineando não são, de maneira alguma, uma tentativa de propor uma espécie de manual de classificação de discurso relatado. Não queremos que essas categorias sejam utilizadas para classificar os discursos relatados que encontramos em nossas leituras, *a la* exercícios escolares. São apenas uma tentativa de mostrar como cada uma das revistas analisadas explicita os seus laços com o campo científico por meio do discurso relatado.

Ainda sobre o discurso relatado, é interessante notar que as formas observadas de tratar das palavras de outrem, tanto em uma revista quanto em outra, são formas provavelmente corriqueiras. Por exemplo, quando vamos resenhar algum teórico para nossas pesquisas, utilizamos mecanismos bastante similares. No entanto, as especificidades que caracterizam como cada revista atualiza a voz da ciência em suas reportagens foram mais um indício que nos permite afirmar que tanto a *Pesquisa FAPESP* quanto a *Superinteressante* “falam” de acordo com regras e, por isso, “falam” certas coisas e não outras e de certos modos e não de outros.

Neste artigo, queremos apenas chamar a atenção para o fato de que nossa análise decorre de um certo olhar, que tem como respaldo um determinado recorte teórico. Mas, certamente, existem outras possibilidades de interpretação para esses mesmos fenômenos, tendo em vista a multiplicidade de teorias que buscam entender os mecanismos discursivos de significação.

## **Agradecimentos**

Este trabalho contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo n. 04/05079-5.

FOSSEY, M. F. Global semantics and discursive possibilities: reported speech in two scientific vulgarization magazines. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.1, p.91-112, 2006.

- *ABSTRACT: This work aims to describe, from a discursive approach, how two scientific vulgarization magazines, Superinteressante and Pesquisa Fapesp, employ reported speech in their reports. The description of this specific trace – how the voice of others is materialized on*

*the genre report of these magazines – is part of a larger work, which aimed to characterize two distinct manners of divulging science for the general public. To do so, we assumed, based on the French Discourse Analysis, specifically on the notion of global semantics (Maingueneau, 1984), that by analyzing signs on the textual surface, it is possible to identify the discursive processes that characterize both publications. Therefore, identifying the most common types of reported speech for each publication was a relevant step in this research.*

- **KEYWORDS:** *Global semantics; scientific vulgarization; reported speech.*

## Referências bibliográficas

ARANTES, T. Memórias e letiva. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 66, jul. 2001. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=1372&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 19 ago. 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. Tradução de Claudia R. C. Pfeiffer. IN: AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. . *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coord. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

FOSSEY, M. F. *A semântica global em duas revistas de divulgação científica: Pesquisa FAPESP e Superinteressante*. 124f. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, F. Parasita dissimulado. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 111, maio 2005. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=30&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 26 maio 2005.

REVISTA PESQUISA FAPESP. São Paulo, n.6, fev. 1996a. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=98&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 19 ago. 2004.

REVISTA PESQUISA FAPESP. São Paulo, n.7, mar. 1996b. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=104&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 19 ago. 2004.

SUPERINTERESSANTE: edição completa de agosto de 1987 até junho de 2004. São Paulo: Abril, 2005. 9 CD-ROMs.

TUNES, S. Programados para ver. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n.62, mar. 2001. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=1220&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 19 ago. 2004.

ZAMBONI, L.M.S. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso de divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

ZORZETTO, R. As jóias de saturno. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n.108, fev. 2005. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=2673&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 26 maio 2005.

ZORZETTO, R.; BELLINGHINI, R. H. Forma e função. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n.105, nov., 2004. Disponível em <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=2604&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 26 maio 2005.